

033614/2003



L0000033617

ORMA
869.91
B 557 2

RIMA

DE ORMA

869
BES
RIM

P BESSA

Reg.
1277

18/03/74

1892



033614/2003

L0000033617

LEITOR.

E' o meu segundo livro de versos que felizmente te apresento e que vaes ler nas horas vagas.

Tomou o nome de—RIMAS—para ter o colorido natural e são estas variadas no metro para fugir da monotonia do decasyllabo que nem sempre a inspiração poetica pode abran-ger no todo.

Com essas—RIMAS—não quero mostrar talento, porque, conscienciosamente, não o tenho, nem aspiro um nome radioso para a existencia subjectiva, porque não primam pela e não realçam pelos rendilhados do as-ago apenas o verdadeiro documento do meu sentir.

com a tua acceitação e benevolencia que eu não fraqueje nos arduos trabalhos da intellectual.

Maranhão—1892.

P. Bessa.

I

Tu te ris, n'uma vingança
de menina inconsciente,
d'este amor que eternamente
leva-me em mar de esperança.

E não crês, indifferente,
n'um gargalhar de criança,
quando eu te peço uma trança
do tea cabello luzente

Tu te ris ! mas o teu riso
não traz-me a morte moral
do crime do Paraizo,

mais me embriaga de amor,
e n'um desejo fatal
torna-me mais peccador.

A Antonio Rayol.

II

Si te escuto em canções melodiosas
A suspirar de dor,
Roçam-me a vida as auras perfumosas
Num matinal frescor.

Si te escuto nas arias sonoras
Nuns vãos de condor,
Vão-me as notas levando harmoniosas
As plagas do Amor.

Sim, tu tens a alma sempre soluçante
Fulgindo em estos de idéaes, brilhante,
Aos sonhos de Bellini;

E tens no peito o coração dorido
A derramar o pranto resentido
Em scismas de Rossini!

III

Óbrigas-me a fitar contemplativo
O despontar do sol,
E não sei si na terra eu mesmo vivo,
Quando cantas, Rayol.

Eu observo, n'um extase expressivo,
Das tardes o arrebol,
Vem-me o goso surgindo e redívivo,
Quando cantas, Rayol.

Eu fico assim, assim suspenso ao sonho,
Como se ouvisse o despertar risonho
De ledó rouxinol;

E adormeço no leito da Harmonia,
Gosando os sons da pura Melodia,
Quando cantas, Rayol.

10-1-91.

VI

Como me vae o coração chorando
Em busca d'outra idade;
E em cada gotta o pranto demonstrando,
A lyrial Saudade !

Banhado em creença, ás vezes se abysmando
Do azul na immensidade,
Chora-me o coração amor vibrando
Aos beijos da Saudade !

Como um batel sem norte sobre os mares
Em que as ondas se esfumam pelos ares
Em rude tempestade,

Me vae o coração no peito extenso
Entre as ondas da dor, em pranto immenso
D'uma eternal Saudade !

VII

Tu choras, ó lindo lyrio,
n'uma paixão funda e casta,
e teu chorar já não basta,
torna-se um longo martyrio.

N'esse estrellado delírio
d'amar-me—sorte nefasta—,
corre-te á mente tão vasta
os sonhos tristes do Empyrio.

Tu choras ! Pois, p'ra que vingues
o meo amor que se extingue
á dor que o peito te opprime,

és o Juiz, tens licença,
nos autos desse meo crime
lavra-me a tua sentença.

A Leoncio Ferreira Chaves.

VIII

Como trina te o bello passarinho
Ao resurgir da aurora,
Rufia as azas e mostra te o caminho
Onde a esperança enflora !

Como te vem a nuvem côr do arminho
Pela amplidão a fóra,
Trem'la, trazer-te os sonhos num carinho,
Que fugiram outr'ora !

Como te fulge a vida em risos de ouro
E um sorridente amor tão puro e louro
Te busca conduzir !

Amor ! que acorda o peito e o sonho esmalta
E o coração em crenças mais exalta
A's côres do Porvir.

IX

Atira o olhar nas listas diamantinas,
Si a mente te divaga,
Que o azul marinho as côres purpurinas
Pelo nascente affaga.

Canta-te o mar, são horas matutinas,
No soluçar da vaga,
Umás estrophes ffindas, peregrinas,
D'uma harmonia maga.

A vaga te murmura, o mar desperta
Na rosea plaga da esperança aberta
N'uma alvorada em flor !

E em cada estrophe vês o goso a rir,
Que o mar entôa a teu primeiro amor
Nas côres do Porvir !

5-2-1891.

X

Cahi vencido vendô os teus olhares
semelhantes os raios da alvorada,
em que minh'alma adeja apaixonada
para esconder as dores dos pezares.

E, ouvi-te como a rola dos palmares
a cantar-me de goso inebriada,
vencido fui! E foi me a vida errada
buscar em ti venturas e sonhos.

Mas outro que eu não fosse, te daria
um thesouro de amor eternamente
p'ra ouvir-te e ver-te assim fingidamente.

Vencido e para sempre cahiria,
era um martyr de amor inconsciente
que, por mais fraco ser, se mataria.

XI

Enluta-se a montanha e murcha a flor vermelha,
a flor que ali nasceu aos risos da alvorada,
a nuvem pelo azul perpassa descorada
sacode á terra o sol a languida scentelha.

O mar triste soluça ao longe da montanha
e nesse soluçar o seu amor resume,
e o vento ao se agitar atira o seu queixume
como que presentindo uma verdade estranha.

Depois tudo esmorece. Ah! vê-se um vulto erguido,
s braços presos tem nos braços d'uma cruz,
o peito a derramar o sangue redimido!

is o Homem, ali, da humanidade a Luz,
synthese do bem nas ancias do opprimido,
symbolo do amor,—o immortal Jesus.

26—3—1891

XII

Passa os dias inteiros na varanda
a fazer o *crochet* de linha branca,
Coralia, a pobre flor, que o mal espanca
quando o olhar pelo céu a Deus demanda.

O seu seio á virtude não se tranca,
si canta a sua voz é terna e branda,
sempre a alma a sorrir-lhe em sonhos anda
numa alegria extremamente franca.

Assim vive Coralia. E quando á tarde,
do poente o sol a gasea nuvem arde
num extase de amor, numa harmonia,

Coralia chega do quintal á porta
e fita o céu em sonho que conforta,
ouvindo ao longe o som de Ave-Maria.

A Euclides Marinho Aranha

XIII

O coração te guaia e o pranto esquivo
Pelos teus olhos sae
A brilhar-te nas faces! E expressivo
O teu sentir se esvae!

Vôa-te a alma ao azulado .. Estás captivo
D'uma illusão que cae.
Soffrego! És tu, emfim, um redivivo
Que o roseo amor attrahe!

E o sonho te conduz na estrada linda,
Ridente, da esperança que não finda.
Para animar-te mais!

Ah! um neophito qu'és na vida escassa,
A desejar o goso que perpassa
Nos átros vendavaes!

XIV

Quando no templo estás ajoelhada
Num livrosinho orando,
És a bondade santa, aprimorada,
Inveja provocando.

Quando a Jesus te curvas humilhada
A tunica beijando,
És a virtude em forma burilada,
Ali se demonstrando.

E obrigas-me a pensar si és tu da terra
Nesse viver que tudo bello encerra,
De estylo puro e terso,

É que tu tens o encanto mago e raro
Da perfeição, o amor sublime e caro,
Herdados desde o berço.

XV

Fulge-te o sol, o sol de um dia ameno,
a scintillar nas purpurinas flores,
vago o perfume no ar, não tem rumores
o lago a reflectir o azul sereno.

Nas florestas aos sonhos dos amores
vôam aves gentis dos arvoredos,
aos beijos dos tufões em mil segredos
no mar marulham ondas multicores.

Vês? Tudo amor! o dia, o sol que trilha
a vereda do eterno firmamento,
o orvalho que nas flores lêdo brilha,

o mar, as aves desferindo um hymno!
—É Deus sorrindo de contentamento,
guia-te a vida a esplendido destino!

1 de Março de 1891.

XVI

É o do amor o exílio doloroso,
Onde eu habito, amada !
Um sepulchro que tem-me esperançoso
Nas horas da alvorada.

Ao soffrer ! é minh'alma condemnada
Pelo teu ser formoso;
Como se a dor me fosse idolatrada
Em iris venturoso !

Mas uma força indomita, absoluta,
Atira-me a alma aos espinhaes da luta,
A vida me absorvendo !

E luto e soffro dia a dia, aurora,
Ao menos ver-te bella como agora,
Os versos meus relendo.

XVII

Y ou mandar-te um bilhete perfumoso
Feito em papel rosado,
Um timido segredo, venturoso,
D'um peito apaixonado.

Riso de amor aberto pressuroso
Em labio descorado:
É o thema sublime, esplendoroso,
Qu' é nelle dissertado.

Leva-o teu primo, o pallido bohemio,
A quem um dia o mais ditoso premio
Virá do bello céo.

Cuidado, eu temo os zelos de teu pae,
Tu sabes onde o meo bilhete vae?
—No ferro do chapéo.

XVIII

ρ espirito vacilla, e penso e choro,
Nervoso, apaixonado,
Quando vejo a esperança que eu adoro
Viver-me no passado.

Vem-me espontaneo o encanto que devoro
D'um sonho amargurado,
Quando um refugio no silencio imploro
Ao coração rasgado.

Corre-me a vida desdenhosa e rude,
Como sombra de amor e de virtude
Num crime singular!

Fraco o espirito, o coração dorido,
Sinto que—expiro sem um só gemido
Em noite de pezar!

XIX

Chimera illuminada, alvinitente,
Que me povôa os dias,
Altivo amor, eterno, intelligente,
De dôres e alegrias;

Céo de um ideal profundamente
Cheio de phantasias,
A força suggestiva e consciante
Das bellas theorias;

Cantam-me o hymno do racionalismo
Como uma flor por quem eu tanto scismo
Numa invasão crescente !

E como mofa ardil ao meu affecto
Mostram-me os quadros do sonhar dilecto,
Num traço experiente.

XX

Y ou com medo uma phrase lacrimante
Soltar ao teu amor,
Afinada na lyra fascinante
De um triste Trovador !

Guarda-a no seio teu, o seio amante
Que vive para a dor !
Nella existe o perfume inebriante
De uma saudade em flor.

Uma phrase exprimindo o meu sentir,
Como o riso d'um labio a se expandir
Nas horas que bem diz.

Tu a trarás eterna na memoria,
Como uma loura pagina da historia
D'um coração feliz.

XXI

Digam-me os máus o meu sentir é crime,
Em confissão molesta;
Que o teu amor um odio a mim exprime
E o meu amor detesta !

Inventem dor, vingança e o mais que arrime
A negra intriga, mésta !
Digam-me tudo vil, que não me opprime
Esta paixão modesta.

Porque não creio, amada, que me odeias,
Embora o sangue corra te nas veias
Mais limpido que o meu !

Eu sou bondoso,—o orgulho segue ovante !
Mas sou cruel,—és tu a bella amante
D'um altivo plebeo.

A. A. J. De Barros Lima

XXII

Venhas comigo, a madrugada é loura,
Tem risos divinaes,
Das flores da montanha as pet'las doura
Co'os carinhos de labios maternas,
D'um'alma encantadora !

Venhas comigo, o sol faz-se eminente,
Num rasgo de Condor;
Pela floresta a passarada ingente
Tem o canto sublime, inspirador
Das scismas do Presente !

Venhas comigo, a vida é o ideal
Nas attracções do puro;
Si o lutar nos indica o rir do Mal,
Vem a Razão, o Bem mais natural
Nas cores do Futuro !

Venhas comigo, acorda do teu sonho
E deixa o branco leito;
Eu quero ver-te altivo e mais risonho,
E ouvir o grito alegre que deponho
Nas fibras do teu peito !

13 de Junho de 1891.

XXIII

E' noite, quanto mysterio
Tem as estrellas nos ceos;
Do mar o canto funereo
Morreu nos labios de Deos.

Gosemos, ó flor,
No branco batel
A lua de mel
Do lucido amor !

A lua bella prateia
Do mar a face azulada,
Ao longe a louca sereia
Vibra a canção encantada

Gosemos, ó flor,
No branco batel
A lua de mel
Do lucido amor !

A onda encrespa e desmaia
Aos beijos leves do vento,
Vae num delirio na praia
Soltar o morno lamento.

Gosemos, ó flor,
No branco batel
A lua de mel
Do lucido amor !

E nós, bem juntos, gosando
As lentejoulas do thema,
Iremos ternos cantando
Os quadros d'esse poema.

Gosemos, ó flor,
No branco batel
A lua de mel
Do lucido amor !

XXIV

Ve-la procura o bardo que exilou-se
Nas distantes cidades do Oriente,
De volta da viagem,
Onde triste viveu e ali passou-se
A melhor quadra, a quadra mais ridente,
Longe da sua imagem !

Os sonhos lhe corriam sem conforto
N'esses dias inteiros de pezar
Como a visão do Mal.
Mas lutava ! era um vivo quasi morto,
Um Tantaló em saudade a desejar
O vulto do ideal !

Chega, procura o ninho em que deixára
O seu amor... E o amor não tinha mais
O primitivo brilho !
—Era um ser qu'em mulher se transformára !
Viú-a!... E ao lado d'outro e junto aos paes,
No collo tendo um filho.

XXV

Abre o teu album, querida,
onde tu guardas meus versos,
eu quero vel-os impressos
em cada folha c'lorida.

Andam com tédio dispersos
como uma sombra perdida,
em mãos qu'os trazem sem vida,
em mares tristes, immersos.

Deixa-me vel-os guardados,
dos zelos teus orvalhados
num vivo e intimo prazer;

Só tu os tens compr'hendido
e sempre alegre os has lido
por um ignoto poder.

XXVI

Eu achei, minha amada,
A perola perdida,
Que do teu bróche viste desprendida,
Como uma per'la de rosa descorada !

Eil-á !... vem perfumada
A perola querida !
Fuja-te a pena... e seja-te esquecida
A hora em que a perdeste descuidada !

Toma-a, guarda-a, bem guardada,
Como lembrança ao meu amor profundo,
Só á procura d'ella, andára tanto !

Tu observes, minha amada,
Dentro da per'la existe um outro mundo,
Onde eu existo e guardo o eterno pranto.

*Ao Dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro,
ex-Governador do Amazonas.*

XXVII

Eu quero ver-te a frente á luz d'uma verdade,
Onde o rude punhal da infamia e da mentira
Passou como uma bala;
Inimigos da idéa augusta da igualdade,
Os vermes da paixão num odio que delira
Buscaram-te manchal-a!

Eu quero ler-te o nome em face da Justiça,
Para imprimil-o em ouro o lucido Direito
Nas paginas da Historia;
E o Povo se agitando em resplendente liça
A vibral-o febril por um sublime effeito
Como um penhor de gloria!

Assim fitar-te o olhar em chamma encandecente
No negro do combate a dirigir um Povo,
Um Povo que batalha;
Como um astro a fulgir ao viajor descrente,
Como um canhão ligeiro a rutilar de novo,
A despedir metralha !

Assim ouvir-te a voz nas justas commoções
A modular-se forte, a se expandir aflux,
Como uma Lei moral;
Cheia do santo amor nas doces transições,
Como o fallar do Bem, como o brilhar da Luz,
Para banir o Mal !

Como um fôco de luz no amor resplandecido
Para guiar-te o ser na luta fascinante,
Na luta do existir;
Lá no sacrario azul do espaço indefinido
Eu vejo-te surgir a estrella rutilante,
A estrella do Porvir !

7 de Julho de 1891.

XXVIII

Deixa um minuto mais sonhar amores,
Dos lyrios dos meus sonhos
Ter o eternal perfume,
Em teu olhar enxergo os replendores
Dos rasgos mais risonhos
Nas causas do ciume !

Deixa um minuto mais fitar-te a face,
A face descorada.
Nas commoções do amor,
Na bocca tua o riso sempre nasce
Em forma aprimorada,
Nuns éstos de caudor !

Si tem o céo estrella viva e pura
Que fulge fascinante
Como o brilar d'um raio,
Do teu olhar os traços de doçura
Prendem-me delirante
Num limpido desmaio !

Si no horiçonte assoma a rosea aurora,
Atira um beijo quente
Nas lagrimas do dia,
Na bocca tua o riso quando entora
Eu choro de contente,
Eu mórro de alegria!

XXIX

Num caminho estranho
Segui-te pelos rastos,
Alegre vi os teus cabellos bastos
Quando voltavas pallida do banho.

Mais um triumpho ganho
Nos meus desejos castos,
Corre minh'alma pelos ceus, tão vastos
Cheia de amor e de prazer tamanho !

Ah ! nesse sitio occulto
Contente eu vi-te em seisma feiticeira,
Sentada e só no banco da mangueira;

E não me viste o vulto
Entre a folhagem como um passarinho,
Lá na primeira curva do caminho.

XXX

Eu sou um homem rude
E talvez absoluto,
Fatal, incombatível, quando luto
Por meu amor tão cheio de virtude!

Ancio que não mude,
Não torne-se polluto
O rythmo refulgente do alaúde,
Onde orgulhoso o meu amor discuto.

É enorme este martyrio,
Formulado ingenuamente um dia,
Quando o teu vulto vi á vez primeira!

Mas é-me esplendido, ó lyrio,
Seguir-te o passo, o passo que irradia
O caminho da luta verdadeira.

XXXI

Brinca-me o riso quente
No labio, si te vejo,
Como um signal, um limpido lampejo
D'este amor que me invade o peito ardente !

Vejo-te tão contente,
Toda rubra de pejo,
Como o sorrir d'um palido desejo,
Como no azul a estrella reluzente !

E o riso brinca-me no labio,
Quero fitar-te a face seductora,
Como um passaro alegre o dia fita;

E o teu olhar, como o d'um sabio,
Por suggestiva lei, dominadora;
Rapidamente o meu olhar evita.

XXXIV

Y ou desenhar-te, rosa, este abandono,
O viboro' viv r,
Do coração no fatigar do somno,
Um criminoso ser !

Um pária na agonia, um ser sem dono,
Um verme a te querer,
Um vil Hamlet, humilde e sem abono
Dos laivos do saber !

Illogico no agir tragicamente,
Contra a sorte mesquinha e bem pungente,
A sorte do sombrio !

Ah ! findo, flor, o rustico desenho:
Sem ti o coração no peito tenho
Marmoreamente frio !

XXXV

Eu sou teu romancista
D'uma alma creadora,
O sonhador, o verdadeiro artista
Do nosso amor em forma encantadora.

Pinto-te na conquista
A paixão tentadora,
Phantasiando scenas de entrevista,
Como symbolo de vida seismadora.

Teo romancista eu sou,
Quando a capricho um quadro te descrevo,
Onde a virtude d'alma só se exprime.

E prisioneiro vou
Por teu olhar, em cuja luz atrevo
Banhar constante meo amor sublime!

XXXVI

Vae e sempre opulenta
Esta paixão febril, sentindo a falta,
Num soffrer que augmenta,
Do teu sorriso quando a bocca esmalta.

Não sei contel-a !... e salta
Enflammada no peito que a sustenta,
Si a desventura a exalta,
Si novo desprazer experimenta !

Indomavel nos rasgos do ciume,
Mas casta como a flor
A despedir o matinal perfume !

Si o riso teu acção exerce, amor,
Sobre ella resistente,
Tenho-a modificada simplesmente.

XXXVII

A tarde vae morrendo,
O sol morrendo vae,
Lá da penumbra a noite vem se erguendo
E pouco a pouco sobre a terra cae !

O ceo escurecendo
Escuro azul attrahe,
E Deus a cada estrella vae dizendo:
—Em vossa luz o meu amor brilhae !

Assim o meu futuro
É como o sol e como a tarde morta,
É noite negra que penumbra exhorta !

Mas tenho um ceo escuro
É meo amor e como Deus mandando:
Que o vás contente, estrella, deslumbrando !

XXXVIII

É um sonho apenas:
— Um quadro vi pintado
Por tuas mãos alvissimas, pequenas,
Com arte e com sentir aprimorado !

Um campo enluarado,
Onde adejam phalenas,
Dormita a brisa em relva de noivado
Entre affagos das brancas açucenas !

O ceo azul, nitente;
Uma nuvem á esquerda o espaço obumbra,
Quasi escondendo a Venus reluzente.

O fundo se deslumbra
Por uma côr mais clara que o descora,
A côr do dia, o resplender da aurora !

XXXIX

Eu vou dar-te o valor
Da tua alta belleza,
A se espargir do rosto teu, amor,
E do teu porte altivo de duqueza.

Tens a graça da flor,
O perfil de princeza,
No teu olhar brilhante, animador,
Existe a luz estranha da franqueza !

Na tua physionomia
Não ha pezar occulto que me illuda,
Dardejam flammes de bondade aguda !

E penetra-me a alegria
Quando depressa a procurar-te saio,
Como um artista, o teu pintor lacaio.

XL

Que o cerebro em rito
Mutila-me devéras,
É um poder enorme de chiméras
A tornar-me um livido proscripto.

Não temo, nem evito
As agonias feras
D'essas paixões sublimes e sinceras
Que nos levam ás côres do infinito!

É plena a tempestade!
O mar do amor encrespa e os ventos passam
Num nervosismo de cruel saudade!

E o peito me devassam,
Nam delirar de sensações moraes,
As energias todas naturaes.

Ac Abeylard' Mattos.

XLI

Ingrato o meu futuro,
Sem brilho quasi e sem um só lampejo
Do lyrial desejo,
N'este sondar do amor ingenuo e puro.

Eu bem me transfiguro
No diffundir-lhe a côr e nunca o vejo,
E mais e mais o almejo,
Si a sorte esquiva o torna mais escuro.

Que falsa idéa a minha e sem essencia,
Com um prestigio enorme,
Analysar o Nada da existencia !

Mas consola-me, enfim, a força augusta,
A força que não dorme,
D'uma esperança lucida e robusta.

XLII

Yê, realmente espanta
O meu trabalho de cantar activo
O nosso amor, ó santa,
O bello thema infindo que revivo !

Como é profunda e tanta
A theoria ingente do captivo,
Si novo goso encanta,
Si o mesmo amor me torna um redivivo !

Indesculpavel eu talvez o seja
Por outro que me lê
E nunca viu a luz e nunca veja

Do teu olhar divino, que me vê
Submisso á disciplina
Do seo luzir de estrella matutina !

XLIII

Mata-me, flor, si queres
Ser boa e amiga da vontade minha,
Longe dos maldizeres
De alguma bocca rustica e mesquinha.

És o sol das mulheres,
E, como o sol enxergo-te rainha
Dos meus febris prazeres,
Dos novos sonhos bellos que eu não tinha.

Mata-me, sim, si queres que eu te chore,
Este desejo velho,
Antes que a dôr o labio me descobre:

Ir aspirar o odor, sem medo, emfim,
Ante o crystal do espelho,
Do teu sapato branco de setim.

XLIV

O mar aflux, gemente,
A crescer, a crescer febril na praia;
No occaso o sol desmaia
Num turbilhão de dores, loucamente.

Como um flóco se espraia
Uma nuvem no ceu e esvae-se algente,
E a garça mansamente
Curva-se ao vento como uma catraia.

É tarde; o occaso sonha
Nas noites do pezar e nas estrellas
Que não resplendem mais !

Eu como o occaso escuto a voz tristonha,
Num sonho vil das negras aquarellas,
Das noites sepulchraes !

XLV

Uma illusão estranha
Vou revelar-te, amor, completamente;
Uma simples façanha
D'esta paixão tão longa e tão ardente.

Um sonho repetido,
Quando dormir eu sonho que tu vaes;
Um goso appetecido
Como um riso das horas matinaes.

Seja illusão ou sonho que enlouqueça,
O caso não discuto,
Quero dizer-t'ó e antes que me esqueça:

Guardo, si dormes, esse corpo meu,
Como um soldado astuto,
De pé na porta do mirante teu.

XLVI

Bemdito o peito frio !
O peito indifferente á luta insana
Que traz a voz humana
A tremer, a tremer num calefrio !

Maldito o desafio !
Cujo duello a sorte vil, tyramna,
É mais que deshumana,
Succumbe o amor num golpe sem desvio !

Bemdito o peito glacial, gelado,
A's sensações da morte do culpado,
Da morte da vingança !

Maldita a sorte escrava do sidereo
Que faz d'um peito um triste cemiterio,
Caveira da esperança !

XLVII

Tenho-te o nome num cartão mimoso,
O nome por extenso !
Uma alegria exulta-me ditoso
E do prazer da sorte me convenço.

Fatalidade apenas, ser formoso,
De ter-te o nome, penso:
Ou um acaso a dar-me o novo goso,
Ou a ventura a dar-me o sonbo intenso !

Tenho-to o nome, flor,
E a lettra tua, a lettra que eu aspiro,
N'esse cartão impressos !

Ah ! guardo-o, como guardas, meu amor,
As notas, si deliro,
Dos meus singelos e chorosos versos !

XLVIII

Ø alvor do dia esplende,
O passarinho canta no arvoredó,
A branca lua para o occaso pende,
Para o eternal degredo.

Inda um vestigio rende
Da noite clara, a noite d'um segredo !...
A brisa matinal os ares fende
Num delirar de medo.

Ah ! vem o dia, a aurora, que desponta
Do teu amor, amadá,
O teu amor, a concha nacarada !

Minh'alma em luz o aponta
A' doce brisa, ao passarinho ingente,
A' noite bella, á lua decadente !

XLIX

Abertamente digo
A ti que me aborrece:
Acaricio o teu olhar imigo
Entre os cantos sublimes d'uma prece.

O amor me não fenece,
E mais e mais o ligo
A' esperança sympathica do abrigo
Por um só laço azul que me apparece.

É um prazer do espirito de louco,
Si fôr loucura amar-te,
Para erguer-te o tormento pouco a pouco.

Quanto me sabe, flor, viver assim,
E ver-te em toda a parte,
Como um artista num lutar sem fim.

L

O teu bom coração sentir-se-hia
Abalado talvez,
Sem raciocínio a dor o cortaria,
Si eu fosse um descortez.

A vida inteira abysmo te seria,
A mofa de entremez,
A torturar-te sempre buscaria
Na rude insensatez.

Do bello Inferno o clima lacerante
Dava-te á alma de remorso cheia
A culpa triumphante !

Ah ! eu, o monstro, o vil, si acaso o fosse,
Não te mostrava a lua que prateia
O-nosso sonho doce !

LI

Pallida sômbra sobre o mar navega
Num supernal litigio,
O barco azul veleiro, que não chega
Ao porto amado, o porto do fastigio.

Vae emergil-o a oñda rude e cega,
Tirando-lhe o prestigio:
E a esteira escura o mar ao barco lega
Como uma réstia do fatal vestigio.

Que luta insana e forte
Do barco—o meu amor, por esses mares,
Onde a sandade fez o eterno leito!

Que maldizer á Morte
Ante esse abysmo mésto dos pezares,
Onde o sonho do amor se vê desfeito!

LII

Um campo... e corre a aragem
Em matinal fadario,
Do passaro o cantar alegre e vario,
A sensitiva como azul miragem;

Um cavalleiro pagem
Com um ar de solitario,
A guiar um viajor imaginario
Do *vello de ouro* na rosal viagem;

É o quadro a pintar.
O quadro que no sonho da alvorada
Fez-me cedo no leito despertar.

E como, minha amada,
Gosto de ver uma paizagem bella,
A custo ponho-a nesta rude téla.

LIII

Houve quem applaudira
A accusação tardia, inconsolavel,
De ser uma mentira
Esta paixão vital, inquebrantavel.

Esta paixão que aspira
A doutrina do bello e do admiravel,
Onde a miseria expira,
Onde o cruel se torna condemnavel.

Accusação tardia !
Uns vôos de aguia em noite nebulosa,
Uns risos de fatal melancolia !

Pequena alma raivosa
Ao meo amor algum gemido dêra,
Para tornal-o um pária, uma chiméra.

LIV

Supplice resistencia
Num expressivo gesto,
Quando te fallo franco e com ardencia
Neste soffrer, ó flor, cruel e mesto.

Eu sonho na innocencia
Do teu e meo protesto...
Não choro, nem me peza a consciencia
De haver te dado o meo amor em resto.

E penso assim, e penso
N'essa verdade argentea do sentir.
N'esse prazer sublime do porvir!

Mais e mais me convenço
Do brilhantismo extranho da palayra
Quando a paixão o nosso peito lava.

LV

Sollicitam de mim saber ao certo,
Num desejo em verdade,
O meo amor quem é, por quem desperto
Na negra soledade !

Neutralisam assim a vã vontade
Ao meu segredo esperto;
Inconsciétes são ! Dizer a idade
Do meu peito aberto !

Quanto gosto me vae em ver occulto
O meu rosado amor, por quem me exulto
A's meigas açucenas !

—Uma flor a surgir, gentil camelia,
Um ser ingenuo e puro como Ophelia
Com dez annos apenas !

LVI

São mais inacessíveis
As dores d'um amor intemerato,
Que as rochas intangíveis
Onde se esconde o verme do planato.

Eterno pugilato
O do amor cõ'a vontade ! Incompr'hensíveis
Vão num lutar exacto
Bater ao mar das queixas mais terríveis.

Surge a dor e se orgulha
Ao reduzir a pallida fagulha
O bellicoso e sensitivo amor;

Vendo a rosal vontade
Do leito azul da doce anciedade
Ser transportada ao pantano do horror !

LVII

¶ens dez annos, criança,
Amo-te tanto, juro;
Corre-me a vida em lucida bonança
Pela avenida longa do futuro.

Si teu olhar me alcança
Na luta mal seguro,
O goso traz-me a limpida esperança
Sob um aspecto matinal e puro.

Quero-te ingenua, basta.
És a criança a soletrar-me amor,
És o meu hymno de immortal candor !

O vicio não te arrasta
A ser mulher sem mais sobranceira,
Um ser voluvel, fraco e sem valia.

LVIII

Y ou educar-te, filha,
Por uma escola nova—a da virtude,
Onde se foge do veneno rude
Da seductora e muda mancenilha.

O vicio não a illude,
E a luz da crença num principio brilha,
Não teme a lealdade o amor se mude
Dos bons caminhos onde casto trilha.

Uma escola pura—de doutrina,
Onde a razão em luz alabastrina
Extingue o negro mal.

Então—mulher—irás, meu relicario,
Beijar comigo a per'la do sacrario
Nos beijos da moral.

LIX

Contemplo entristecido ao fundo da campina
Sombrio o dia erguer a face purpurina,
Nuns traços de soffrer;
A luz da estrella d'alva, a luz que se espargia
Pelo azulado alem, em sombras de agonia
As nuvens esconder !

Contemplo o sol—condor—em pallidez estranha,
Beijando soluçante o cume da montanha
A lúrida tristeza;
A flor avermelhada a coma abrir olente
E em cada pet'la o orvalho em gotta transparente
Sem brilho e sem belleza !

Contemplo no arvoredó o mudo passarinho
Nas trevas escondido, as trevas do seu ninho,
Sem cantos, a guaiar;
E, como um sacrificio, a brisa mesta e morna
Pelo vallado todo o seu frescor entorna
Num vago murmurar !

Contemplo o grande mar na praia gemebundo,
Como se lhe cahisse as lagrimas do mundo
 Nas dores d'um desgosto;
E deixo mudo e só curvando os meus olhares,
Brilhar o pranto enfim, o pranto dos pezares
 A deslizar no rosto !

Depois remonto o olhar ao longo Campo-Santo,
Em cada face rola a boga de um só pranto,
 Chorando os corações;
São almas a gemer—enternecidas flores,
São peitos a sentir a falta dos amores,
 As santas afeições !

Ah ! choro mais e mais—que harmonia immensa !
Minh'alma mais se eleva e mais se agita em crença,
 Ao ceo erguendo as mãos !
Então mais commovido, em éstos de saudade,
Eu vejo, que pezar ! n'aquella soledade
 Meos paes e meos irmãos !

2-11=1891.

L X

Almas chorosas, puras,
Almas que vão na gruta dos pezares .
Guardar as leves sombras das venturas,
As sombras dos sonhares;

Almas das amarguras,
Andorinhas errantes dos palmares,
Onde só moram os cantos das agruras,
A percorrer'os ares;

Almas irmans da minha,
Eu vos adoro e beijo. Eu vos bemdigo
Como um vestígio do apagado abrigo !

E, como uma avesinha,
Eu vos enxergo além, pelo infinito
E pelo monte estéril, de granito !

LXI

Ergue-te coração, não durmas brutalmente
No carcere da dôr !
Em cada lista do espaço do Oriente
Brilha-te a luz do sideral amor !

Ergue-te coração e vem dizer á flor,
A flor do azul Presente,
O teo passado todo de amargor,
O teo passado lugubre e doente !

Ergue-te coração e ri e canta
A's aniladas côres do Futuro
No sol que se levanta !

E solta o teo gorgueio estrepitoso
Que vá nas plagas do fatal Escuro
Romper o nebuloso !

LXII

Em espontaneo affago
Brilha-me n'alma a *verve* da verdade,
Como o encrespar do lago
Sob osculos da brisa da saudade.

Tem um dominio vago,
Systematico a *verve*, e sempre invade,
Num raciocinio mago,
O peito meu, si vive um soledade.

Virtiginosa passa
Num gargalhar convulso e positivo,
Si a vida beija-me a feroz desgraça !

E vem num gosto vivo
Beber-me n'alma a chamma encandecente
Do consolado amor litteralmente.

LXIII

— Não chores! — te disse um dia
De joelhos nos teus pés.
E perguntaste — Quem és! —
Numa expressão de alegria.

— Qu'importa! sou um cantor,
— Ha mundo da melodia,
— Ha mundo do puro amor!

Depois... eu vi atravez
Do teu olhar de magia
Nosso amor em fidalguia
Morrendo louco, talvez!

Então minh'alma em delirio
Bem junto a ti mais erguia
O sonho á cruz do martyrio.

LXIV

Sabindo a noite vem! Na alfombra do vallado
 Extenso, caprichoso,
Vão as flores no hastil, inconscientemente,
 Dormir em quente goso,
 Um goso desejado,
D'uma caricia pura e grata e resplendente!

Morno aroma a correr em toda activa atmospherá,
Como um vago queixume, um riso de chimera,
 Perdido pelos ares!
Assim, numa expressão do céu, a mais sincera,
 Como as vagas dos mares,
Vêm as gottas rolando—espheras rutilantes—
Para extinguir a sombra esquiva dos pezares,
 As dôres extinguir!

Que tímidos instantes
De mystico sentir !

Soluça a brisa e geme alem, ligeira e doce,
Como evidentemente a noiva casta fosse,
A noiva do vallado,
Perdida para o amor num sonho amargurado.

Que prodiga ventura
Da lucida natura !

O rouxinol descanta uns trechos de poema
Para desenrolar depois o infinito thema
Dos segredos azues,
Dos mysterios azues das cousas sideraes,
—Que melodia afflux !
E em curvas pelo ar a borboleta branca
Numa avidéz mais franca,
A chorar de saudade ás côres matinaes.

E bella a noite cae... as pequeninas flores
Continuam sonhar nos limpidos amores
Num extase sem fim.
—Um turbilhão seduz de novos esplendores,
O pranto é riso,—o peito ao goso mais exhorta !

Só eu, não sonho assim,
Vejo morrer-me a vida ardente que conforta
Um craneo de poeta,
Que fôra o verdadeiro e consolado asceta
Das cousas ideaes dos mundos ignorados,
A viver brutalmente em lares desolados
Só para eterna dôr, para esperança morta!

LXV

Convulsa a ondã espuma e pela praia entôa
Uma canção de amor, uma canção sombria,
E a branca areia foge em torvelinho á tôa
Tocada pelo vento em magica energia.

A tempestade vem e pelo azul rebôa
Beijando num delirio a longa penedia,
Chammeja o raio alem—nas densas nuvens côa
A luz tremente e desce em curva e simetria.

Ha um temor de mais, um temor divino
Na aldeia perto e rude aonde existe o pobre
A tiritar de frio, a maldizer o nobre.

Mas o temor se vae... um riso purpurino
Abre do sol o labio ao turbido nascente...
Em toda a aldeia a vida exulta-se valente.

LXVI

Tudo vejo deserto!
A noite solta o adeus á linda aurora
Que vem de labio aberto
Beijar a rosa que no valle mora.

O valle já desperto
Ao murmurar da brisa geme e chora,
Sob o ciume incerto
D'essa caricia que tivera outr'ora.

Deserto tudo está!
A vida humana dorme indiferente
Á evolução da natureza ingente!

Só eu, sem somno já,
Leio o poema sabio da natura
Numa sofreguidão latente e pura.

LXVII

Não sei por onde vã,
Por qual estrada siga:
Si pela inhospita onde a dor está,
Si pela escura da fatal fadiga.

A duvida me liga
Ao desengano já !
Ao desengano que no amor se amiga
E como um morto, mudo, me verá.

Por qual estrada irei,
O' lugubre destino,
Gosar a aurora dos dias que sonhei !

Eu sou um peregrino,
Dá-me, cruel, do goso
O itinerario longo e esperançoso.

LXVIII

..... Co'o existir do Eterno
Um só, a luz na terra se accendera !
E lá está no Oriente a bella aurora.

(? Guesa - J. Souzandrade.)

Foi em Bethlem, à noite e em antes da alvorada,
no mais humilde berço—em uma estribaria,
que veio ao mundo o Deus, o filho de Maria,
para fazer o Bem, para apontar o Nada.

Foi em Bethlem, cahiu em gottas de orvalhada
das estrellas o pranto em fulgida harmonia,
dos pastores se ouviu em limpida alegria
a voz saudando o Deus, numa canção insp'rada.

Ah ! nesse lar o Sol brilhou mais bello ainda
e na Terra espalhou numa avidéz infinda,
todo seu amor e luz a bem^{da} Humanidade;

e Deus, emfim, mostrou aos trez soberbos Magos,
preferindo ao seu ouro os cantos e os affagos
do mais rude pastor, a base da Igualdade.

25 de Dezembro.

LXIX

Uma faixa de luz o sol ridente traça
do anno a surgir gentil no bello firmamento,
o mar cantando vem a praia terno enlaça
em sonoro folgar, morrêra o seu lamento.

Da prodiga floresta a cabelleira esparsa
renova-se o primor num leve movimento,
o sopro da manhã suave que perpassa
traz um ledô sonhar, um novo sentimento.

A natureza assim nos dà outra existencia,
onde iremos o amor buscar em toda a ardencia,
em troca do pezar funesto do passado;

nos dá novo sentir num iris de chimera,
onde corra-nos a alma em sonho matisado
entre perfumes mil de rosea primavera !

1.º de Janeiro.

LXX

Pelo azul matutino a estrella guia errante
dos Magos a jornada em caravana unida,
de redeas soltas vão, num luxo deslumbrante,
soberbos de gosar, impávidos da vida.

Cravando a vista em tudo os Magos vão constante,
pela estrada ramal de pó enriquecida;
choram o regio lar, atraz muito distante,
e almejam só chegar ao termo da partida.

Ah ! entra a caravana ás portas de Bethlém,
a passarada entôa os canticos do Bem
a revoar no azul por sobre um tecto em palha;

os Magos se apejando os labios teem vermelhos,
em torno do Presepe a caravana espalha
e aos pés do Bom Jesus se curvam de joelhos.
6 de Janeiro.

LXXI

Um coração na doce adolescencia
entre os sonhos e os gosos da ventura,
num extasi beben, numa loucura,
da vida o nectar na fatal dormencia.

A flor dos sonhos deu-lhe amor na essencia
para punil-o da innocencia pura,
mostrou-lhe mais o gozo na espessura,
dando a gosar-o em verdadeira ardencia.

O pobre coração inexperiente,
fraco, sem força já, sem vida quasi,
buscava o gozo mais inconsciente.

Nesses sonhos de rosea primavera
já não tinha o poder d'uma só phrase
para fugir do amor que a flor lhe déra.

Ao Dr. Raimundo e A. Ferreira Franco

LXXII

Amigo ! em vós eu vejo os laivos da bondade,
Os raios do saber nas phrases da amisade
 Que um peito puro têm;
Na vossa vida toda o sacrificio é nobre,
Que leva o vosso nome ao labio do mais pobre
 Como uma lei do Bem.

Vos vendo em vosso lar—o santo relicario,
Cercado do prazer no vosso anniversario,
 Ao rir da gratidão,
Amigo ! o peito meu desperta na alegria,
Vos rende reverente em lucida harmonia
 Um preito, uma oblação.

27-5-91.

LXXIII

Resuscitada fôra
Em hora triumphante
A pura Angelica, a modesta amante,
A creatura bella e seductora.

Victima encantadôra
Do seu amor constante,
Cujo poder a trouxe delirante
Como uma eterna e fragil peccadôra.

Timida, esquivada, alada
Como uma ave em sonho emigrara
Para um paiz extranho, abandonada !

Resuscita, voltando ao lar... Achára
O amante arrependido...
Por quem viveu sem nunca ter vivido !

LXXIV

Canta o teclado de um piano,
Piano apaixonado,
Que não ouvia ha quasi um anno,
Um anno desterrado !

Canta nas sombras de um engano,
Num sonho em vão, dourado,
O amor feliz ! . . Amor tyranno
Que não fôra vingado !

Ah ! vae cantando alegre e vivo,
Qual rustico captivo,
Sem definir o bem e o mal !

Inconsciente a mão que o tange,
Porque já não abrange
O gosô no intimo moral !

LXXV

Enterneçada e languida, sosinha,
Vivia a Leonor,
Illuminada flor
Da luz da aurora, a matinal pombinha.

A duvida do olhar não a entretinha,
Dolente para o amôr,
Sem agonia e dôr
Ia na vida como uma andorinha.

Mas não tardára o termo d'essa vida
Suave, indifferente...
Da tentação do mal já não resiste !

E transformada em lúbrica mulher
O goso aspira e quer,
Qual flor pendida para o acaso triste !

LXXVI

Ø riso que me abria a tua bocca
naquelle tempo de prazer passado,
a mil pezares traz-me acorrentado,
num profundo scismar, ao ver-te louca !

A tua voz no canto inebriado
da loucura é-me lenta e mística e rouca,
fugiu a melodia em dôr ! E é pouca
a força d'esse amor desventurado !

Ah ! louca tu estás . . . e, como fôra
a loucura evadir-te aterradora,
é-natural. Eu quero te chorar !

Soube que o pranto te rolára á face,
ao—sim—que dê-te nesse vil enlace . . .
louca cahiste sobre os pés do altar !

LXXVII

*Ao lusco-fusco do dia
Chegava o pescador,
Tinha o desapego na phisionomia,
O desapego do novel luctador.*

*Uma sobria bonhomia
Para o encanto do amôr
A luz do seu olhar logo emergia,
Era-lhe a vida a crença sem valor.*

*Ah ! toda a tarde vinha
Como avida andorinha
Dos altos mares onde só luctava !*

*Um dia o sol se fôra...
O pescador na vaga enganadôra
Inerte e frio e ja sem voz boiava.*

LXXVIII

¶aro ser promettido,
Como amor mais sentido
Na virtude;

Ès o ser imprevisto
Que mais choro e insisto
Que não mude.

Tens no seio o carinho
Como o limpido arminho
Côr da Paz;

Ès no zelo a mais nobre,
Ten olhar não o encobre,
Nem desfaz.

No convívio do Mal
—Uma flor sem igual
— Raridade !

Si sosinha és chorada,
Tens a voz perfumada
Da orphandade.

A Sizínio Corrêa De Frias.

LXXIX

Passam de leve as nuvens esmaidas
Pela amplidão sonora,
É o sorrir da aurora
Como as pet'las das rosas descoradas.

A floresta no farfalhar se chora
As brisas namoradas,
Cantando em revoadas
Os passarinhos pelo azul a fóra.

Murmura, alem, o rio
Como uma mansa pomba pelo ninho
Perdido ao longe num logar sombrio.

E o valle côr 'de arminho
De borboletas, açucenas cheio,
Despede aromas num dourado enleio.

LXXX.

Tu vaes cabir sem vida,
O' coração cortado,
Estyllete de luz appetecida
No ultimo *adeus* d'um peito enamorado.

E vaes... nessa descida
Has de gritar de irado,
Quando tu vires fraca, embrutecida,
Essa tua alma, sombra do passado.

E o Nada tu verás
Sorrindo para o azul da immensidade,
Onde a esperança, o sonho encontrarás.

Então o pranto, o pranto da verdade,
Como una estrella algente,
Te rolará das fibras lentamente.

• LXXXI

Vae a tarde morrer sem queixume
Entre beijos sonoros do amor,
Cada brisa que passa o ciúme
Na folhagem cicia em candor.
Na vaga do mar,
Em doce chimera,
Comtigo quizera
Amor soluçar !

Vae a tarde morrer na ventura,
No desejo do goso latente,
Em febril devaneio e loucura
Tem carinhos de peito fremente.
Na vaga do mar,
Em doce chimera,
Comtigo quizera
Amor soluçar !

Vae a tarde morrer de saudosa
Pela alfombra do roseo vallado,
Si suspira—o suspiro da rosa
Num encontro se torna esposado.

Na vaga do mar,
Em doce chimera,
Comtigo quizera
Amor soluçar !

Como a tarde morrer eu aspiro,
Numa tarde de limpida cor,
Nesses braços—soltando um suspiro,
—Um poeta morrendo de amor.

Na vaga do mar,
Em doce chimera,
Comtigo quizera
Amor soluçar !

LXXXII

Um inimigo forte
Como o leão em ira,
Imputa um crime, um crime atroz, de morte,
Ao caçador que a floresta aspira.

A maldizer a sorte
Em raiva, a sós, delira
O caçador, que pena só inspira,
Sem encontrar defeza que o conforte.

Foge tresloucado, espavorido,
Para uma ignota gruta,
Lá onde sempre soube ter vivido.

No seio da floresta
Prefere o exilio e junto a fera bruta,
—O inimigo de consciencia honesta.

LXXXIII

Aos plumbeos ares foi-me a vista errante
Em busca de uma estrella luminosa,
Quando o ideal em forma cor de rosa
Abriu-me a estrada ao sonho fascinante.

Scintillou-me no espaço, emfim, brilhante
A estrella do porvir. A alma esperançosa
A renascer-me em luz, em luz formosa
Ao céu ergueu-se rapida, offegante.

Mas durou pouco. A estrella errou, fugiu,
Esquecendo o ideal que a não mais viu
Inebriando-me a alma em luz querida,

Perdida essa illusão deixei o mundo
Dos sonhos, e cahi no abysmo fundo
D'esta mentira qu'outros chamam vida.

LXXXIV

Quando no ninho languido anoitece
O rouxinol do val,
O lago para as rosas transparece
Em limpido crystal.

Quando no valle em trinos amanhece
O rouxinol rival,
O lago em zelos turbido se enfurece
Numa avidez lethal.

Ambos rivaes valentes no caminho
Da acerrima batalha do carinho,
De affagos para as rosas:

Um quer na lympha o odor inalteravel,
Sorver das pet'las o outro mais amavel
As gottas perfumosas.

LXXXV

Um sceptico a fugir
Dos mundos ideaes
O coração, na calma do sentir,
Quando se agitam grandes vendavaes.

Um crítico a sorrir
Das cousas naturaes,
Nas tentações das horas do existir
Foge a viver das sombras sideraes.

Ah! um sceptico, um morto,
O coração, emfim,
Completamente n'este mundo exausto!

Fez da materia um horto,
O rustico jardim,
De todas seducções um holocausto.

A Carlos Ferreira Coelho

L X X X V I

Vive a cascata a branquejar suspensa
E, num frescor sadio
Solta a corrente em doce murmurio
Pelas entranhas da campina extensa.

Os brancos fios da cascata densa,
Num turbilhão vadio
Vão como irmãos beijar no leito o rio
Dormindo está em distancia immensa.

Sempre convulsa a bella da cascata,
A dar uns tons de vida,
A dar amor nos fios que desata.

E o rio ao goso da chimera erguida,
Numa dolencia muda,
Mostra á cascata a saudade aguda.

LXXXVII

No mais humilde lar, o lugubre desterro,
—Um holocausto rude ao soffrer erguido,
E do remorso cheio
Numa intima agonia,

Um velho luctador o condemnavel erro,
Mortifero, chorando. E louco resentido.
Das causas mais vitaes d'um crime sem receio,
Num largo fogo novo o peito mais lhe ardia.

O crime exacto corre á bôcca da canalha,
Que fez numa invasão de rustica batalha
Erguer-se a consciencia
Em busca da innocencia,

—A rosa da virtude, a perola adorada,
—O rutilo fanal d'um'alma immaculada!

Vê-se a innocencia morta,
O crime a não conforta,
Si a luxuria domina, impayida murmura,

E o sentir ideal
Nuns éstos de prazer depressa transfigura
Em goso sensual !

Forte, como o valor das bases sociaes,
A consciencia estende a mão para o opprimido:
A humana sentença

Brilha como uma luz dos astros immortaes,
Como a siderea luz para o réo absolvido,
Sob uma força immensa,
No sabio Tribunal !

Eis o Direito, enfim, altivo e racional:
Ante a fatal conquista
Da lei naturalista,

O crime não é crime em face da moral !
—Um pae defende a honra em paternal amor,
D'um pària—o seductor !

A lei não teve origem,
Nem teve o brilho augusto do v-lho lutador,
Que agita-se á vingança e que jamais se humilha !
E como um louco em raiva o seductor não vinga,
Antes que a sede ao sangue o seu amor extinga
—Matára a propria filha !

LXXXVIII

A José A. de Mello Fernandes

Tem traços d'oiro o horisonte
Em matutino candor !
A casa branca do monte
Esplende em festas e amor !...

Pelas cavernas a fonte
Atira a agua em frescor,
Na moita verde, defronte,
As trepadeiras em flor !

No campo arido, no baixo,
A se estender pelo sul,
Vae um pastor cabisbaixo,

Sem ver as cores do azul,
Chorando a nojva tão cára
Que a seu rival se entregára.

LXXIX

Nô eterno livro das azues idades
Depuz o sonho ardente,
O goso alvinitente,
Antes de agir-me a vida as tempestades.

Uma por uma as vividas vaidades
Guardei profundamente,
E, como a flor dolente,
Vi o soffrer nos prantos das verdades.

Chorei talvez ! Não sei o que me fôra
Na phase encantadora
Do grato riso, inteiramente franco.

Fito o futuro, o pallido marasmo,
E' como o desfolhar feral, o pasmo
D'uma pagina em branco.

L X L

Pisca-me os olhos Momo de brejeiro,
Um delirio a sonhar,
E com phrases de lhano cavalheiro
Convida-me a folgar.

Lança-me o braço Momo, o galhofeiro,
O goso a me apontar,
Um enthusiasmo ardente e verdadeiro
Começa a me inspirar.

Pois bem. Eu não me nego a festa sua,
Hei de affagar a taça que tressua
No labio carmesim;

E feliz, na expressão d'essa loucura,
Hei de enlevar-me em gosos de ventura
A's Deusas do festim !

LXLI

No baile, á noite, flor, eu quero ver-te
A forma esculptural,
E que possa na walsa enternecer-te
Aos gosos do Ideal.

Um segredo de amor eu vou dizer-te
Em voz bem natural,
Para que eu possa, flor, comprehender-te
Porque me queres mal.

Ah! tu serás das minhas illusões,
D'esse ninho de Fadas nos salões,
A formosa Vestal;

Embora não me falles um instante,
Porque eu seja de mais intolerante
Vestido a Carnaval.

28-2-92.

LXLII

Bateu-me á porta logo de manhã
O Momo endiabrado,
Trazia as vestes do soberbo Pan
Dos dias de noivado.

E bordava-lhe o lábio de romã
O riso aprimorado,
Segredou-me uma cousa alegre e sã
Que poz-me inebriado.

Mas, não posso occultar-te um tal segredo,
Porque temo soffrer algum degedo
Que tu queiras me impor.

Momo me quer no—Happy—a phantasia,
Ver-te a belleza, a forma, a poesia
Que levas, meu amor.

LXLIII

Tu me verás, á noite, minha amada,
No baile a gracejar,
Entre a turba de bellas, delicada,
Num doce gargalhar.

Casos de amor, de loura namorada
Em vesper' de casar,
Eu vou em prosa ardente, almiscarada,
Sómente a ti contar.

E, quando a orchestra o baile dêr entrada,
Comtigo hei de dansar, alma adorada,
Que tu és minha só!

Mas não negues-me a walsa de zangada,
Porque vá eu num baile á mascarada,
Trajando á Dominó.

1-3-92.

LXLIV

Yem da faina o operario,
O lutador emerito,
Esquecido do pallido preterito
Onde tornou-se um ledo visionario.

Scisma no millionario,
E abre um novo inquerito
A' consciencia. Em seo proprio merito
Basêa a causa do destino vario.

E' a luta do acaso !
O fraco a presistir em lide plena,
O forte a contemplar o abysmo raso.

E' o operario—o fraco,
Amando o forte—o rico, em paz serena
Para chegar ao desejado marco.

LXLV

A Pacifico Duarte Soeiro

Batia o sol em cheio ardente, luminoso,
na alfombra da campina—a noiva dos palmares;
em cada raio—amor um beijo esperançoso
soltava como um hymno aos castos nenuphares.

O vento ao longe vendo em sombras de pezares,
esse colloquio azul do sol captivo ao goso,
correu em toda alfombra em ondas como os mares,
a produzir frescor n'um zelo dulçoroso.

O sol, o vate eterno--o Trovador audaz,
como o leão mais forte e como o amor altivo,
foi pela alfombra, além, a chammejar sagaz,

indifferente ao vento, a tudo indifferente !
E o vento outro leão, num murmurar revivo,
passa a passo o seguindo—era um rival valente.

LXLVI

A luta interior
D'uma paixão innata
Ou nos esmaga sob intensa dor,
Ou vitalisa quando não nos mata.

Energica dilata
O craneo, o criador,
Sob a influencia d'uma força exacta,
Sob a voragem d'um activo ardor.

E o coração robusto
A's regras immutaveis
Segue como um athleta o amor augusto:

Tem vozes instigaveis,
E traz em guerra dura
O peito—a fortaleza mal segura.

LXLVII

A Alberto Marques Pinheiro

Abri^a o mar na vaga que verdeja
Um vacuo escuro, triste,
Onde a saudade louca rumoreja
E em noite longa o vendaval resiste.

Uma ardentia o vacuo purpureja,
• Na vaga amor existe,
Correndo a praia o mar audaz rouqueja,
Não mais o vento adormecer persiste.

Entanto mudo o pallido poeta,
O sonhador athleta
Das illusões na evolução do craneo,

Vê que gemente o mar o vacuo agita:
Aberto-lhe espontaneo,
E como o atheo indifferente o fita.

LXLVIII

Era um captivo o jovem jardineiro,
Um verdadeiro crente
Do amor da rosa, d'esse amor primeiro
Que lhe brotara argente.

Era um poeta, um^osonhador obreiro,
Na luta mais valente,
Cantava a gloria pelo dia inteiro
A's sombras do poente.

Vivia assim alegre o rouxinol
Cheio de enlevo casto
Ante o poema lucido do sol.

Mas cahiu de rasto
Um dia, em vendo a negra sorte, avára,
Levar-lhe tudo o que no mundo achára.

LXLIX

A marcha d'uma luta asperrima e sagrada,
Pelo caminho longo, eternamente extenso,
Seguiu audaz, feliz, minh'alma argenteada
Na luz d'um goso immenso,
D'um intimo sentir a luz idolatrada,
Como o esplendor do sol, como o romper do dia,
Que o passarinho canta em limpida alegria
E a brisa a sussurrar nos ramos do arvoredo
Se agita num segredo,
Para exprimir o ser do celico mysterio,
O ser da omnisciencia augusta do sidereo.

Na marcha d'essa luta em nova romaria,
Como o cantor alado a desferir gorgeios,
Como o saudoso vento a soluçar nas vagas
Nas horas ideaes completas de harmonia,
Rolou-me o pranto em bagas,
— Perolas a luzir' em vividos receios.

Seguiu a turba ovante ao supernal caminho,
A lutadora turba—a flor do sentimento,
Do immaculado amor inteiramente a luz,
Que brilha como a estrella em lucido carinho,

Minh'alma sem lamento,
Para guiar-se a ideia exuberante, aflux,
Do craneo lutador, do craneo que seduz
Na evolução augusta
D'uma vontade audaz e d'uma fé robusta.

E foi caminho além!... Vencida quasi fôra
Por outra turba escassa e curta no lutar,
Que a tentação do vil eleva mais e mais,
Como uma fêra ardil de bocca assustadora,
Que faz-nos de carreira á escuridão voltar

Dos males bem fataes;
Minh'alma mais se erguera em rasgos da vontade,
E como o rouxinol voando no infinito,
Correu de lar a lar da rude soledade,
Onde só ha gemido, onde só ha o grito
Do soffrimento féro em perfida verdade.

Lutou!... e vencedora energica e captiva,
Na gradação do bello ao rythmo esplendoroso

Da illusão, do amor numa expressão bem viva,
Cantou para a saudade e para o ser ditoso;
O ser que amado vira em prismatico brilho
D'um diamante azul—o diamante raro—
Que nos anima ao Bem no verdadeiro trilho
Como a ineffavel flor de um sentimento caro.

C

Nestas ultimas rimas descoradas
Como uma tarde morta,
Vae o sigillo enorme que conforta
As minhas alvoradas.

Sombras de amor, escritorio que comporta
As joias matizadas
Do meu sentir, si a vil desgraça o corta
Com fortes punhaladas.

São a synthese azul do teo poeta,
Um canto de propheta,
A te pedir amor,—uma lembrança !

Irão viver na montanha escarpa,
Onde depôr eu vou a minha harpa,
—A cova da esperança.

OBRAS DO AUCTOR

VERSOS—1 vol.	1887
RIMAS—1 vol.	1892

A SEGUIR:

PROSAS.	1 vol.
SCISMAS.	1 vol.